

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

HELLEN CHRISTINA GONÇALVES

**A ABORDAGEM DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM
AULAS DE ELE NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO:
UM PROJETO DE INTERVENÇÃO**

CURITIBA

2019

HELLEN CHRISTINA GONÇALVES

**A ABORDAGEM DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM AULAS DE ELE NO ENSINO
MÉDIO INTEGRADO: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Saúde para professores do Ensino Fundamental e Médio, Departamento de Enfermagem, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Magda Ribas Pinto

CURITIBA

2019

Dedico este trabalho de conclusão de curso a todas as mulheres vítimas de violência de gênero, que no futuro este tema seja suplantado e não haja mais sexismo, machismo e misoginia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Antonio e Celi, pelo amor incondicional, por sempre me oportunizarem estudar e esta ser sempre nossa prioridade! Agradeço ainda aos meus irmãos, Karin e Frederique, por serem a representação máxima do que é cumplicidade!

Meus agradecimentos vão também à Professora Magda e ao Professor Anderson, pela generosidade e dedicação para com este curso e principalmente comigo quando mais precisei. Agradeço à amiga Derdried que sempre está por perto com seu carinho e abraços quentinhos!

Às amigas do Quadrado Mágico, obrigada pelos anos de amizade, por entenderem minhas ausências e se orgulharem de minhas conquistas.

E muito abrigada a vocês, meus alunos, sem vocês este trabalho não aconteceria e eu não seria nenhum pouco da professora que sou!

Pies, ¿para qué los quiero, si tengo alas pa'volar?

Frida Kahlo

RESUMO

O presente trabalho trata de uma pesquisa de intervenção realizada nas aulas de Espanhol Língua Estrangeira (ELE) com estudantes do terceiro ano do Ensino Médio Integrado (EMI) a cursos Técnicos em uma escola federal na região central de Curitiba. Na intervenção foi utilizada uma sequência didática sobre violência de gênero visando que os estudantes percebessem que esse tipo de violência ocorre em diferentes lugares e não se trata apenas da agressão física, há também outras formas de violência e que não podem ser naturalizadas. Como referencial teórico usou-se documentos oficiais referentes ao ensino de língua estrangeira por meio de temas transversais, bem como autores que estudam violência de gênero. Usou-se uma sequência didática para a coleta de dados e análise qualitativa e os resultados indicaram que trabalhar violência de gênero no espaço escolar é relevante, provoca a autorreflexão e o pensamento crítico.

Palavras-chave: Ensino de espanhol. Violência de gênero. Ensino Médio Integrado. Violência na escola.

ABSTRACT

The present work deals with an intervention research carried out in the classes of Spanish Foreign Language (SFL) with students of the third year of Technical High School in a federal school in the central region of Curitiba. In the intervention was used a didactic sequence on gender violence aiming at students to realize that this type of violence occurs in different places and it is not only physical aggression, there are also other forms of violence that can not be naturalized. As a theoretical reference was used official documents concerning the teaching of foreign language through cross-cutting themes, as well as authors who study gender violence. A didactic sequence was used for data collection and qualitative analysis and the results indicated that working gender violence in the school space is relevant, provoking self-reflection and critical thinking.

Key words: Teaching Spanish. Gender violence. Integrated High School. Violence in school.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1	-	Revisão de Trabalhos Publicados	15
FIGURA 1	-	Fragmento do Infográfico Segurança Pública em Números 2018	19
GRÁFICO 1	-	Número de atendimentos por Perfil Etário	20
GRÁFICO 2	-	Número de atendimentos por Tópico da Conversa	20
GRÁFICO 3	-	Número de atendimentos no Paraná	21
FIGURA 2	-	Cena Situação 1	22
FIGURA 3	-	Cena Situação 2	23
FIGURA 4	-	Intervenção 1	28
FIGURA 5		Intervenção 2	28
FIGURA 6		Intervenção 3	29
FIGURA 7		Intervenção 4	29
FIGURA 8		Intervenção 5	29
FIGURA 9		Intervenção 6	29
FIGURA 10		Intervenção 7	29
FIGURA 11		Intervenção 8	29
FIGURA 12		Intervenção 9	30

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	- Estupro	19
TABELA 2	- Tentativa de Estupro	19

LISTA DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Cepal – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe

ELE – Espanhol como Língua Estrangeira

EMI – Ensino Médio Integrado

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

LILACS – Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

ODM – Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONG – Organização não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

SciELO – Scientific Electronic Library Online

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TESEO – Base de dados de Teses Doutorais da Espanha

UFPR – Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 CONTEXTO E PROBLEMA.....	12
1.2 OBJETIVOS.....	14
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	15
3 METODOLOGIA	22
4 RESULTADOS/ANÁLISE DOS DADOS	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	32
ANEXOS	34
ANEXO 1 – Texto #NiUnaMenos.....	34
ANEXO 2 – Música Caza Pañuelos	39
ANEXO 3 – Ayer me Mataron	40
ANEXO 4 – ENEM 2015	41

1 INTRODUÇÃO

*“Escribir es siempre muy difícil,
sobre todo hacerlo de forma aparentemente sencilla.”*
Ana María Matute

A oferta de língua espanhola no ensino médio integrado a cursos técnicos possibilita que os estudantes tenham contato com a língua estrangeira, estabeleçam relações com o mundo do trabalho na área em que está se profissionalizado, mas também tenham acesso aos saberes da educação básica e temas transversais.

Nesse sentido, para este trabalho de conclusão de curso (TCC) fez-se o uso de uma sequência didática sobre violência de gênero, ministrada nas aulas de língua espanhola de uma escola técnica na região central de Curitiba como instrumento para uma pesquisa de intervenção.

O presente trabalho apresenta cinco seções e estrutura-se: com uma parte introdutória, na qual são descritos o contexto da instituição na qual foi realizada a pesquisa com o problema e a justificativa, seguido dos objetivos.

A seção seguinte trata da revisão bibliográfica, com o aprofundamento teórico sobre os temas transversais no ensino de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE). A terceira seção descreve a metodologia utilizada: a pesquisa de intervenção por meio de uma sequência didática. Já, a quarta seção apresenta os resultados e a análise dos dados e por fim, a última com as considerações finais.

1.1 CONTEXTO E PROBLEMA

A escola onde a pesquisa foi realizada está na região central de Curitiba e recebe estudantes de diferentes bairros da capital, bem como da região metropolitana. O ingresso nessa instituição para os cursos de Ensino Médio Integrado aos cursos técnicos ofertados se dá por meio de vestibular, sendo ofertadas 35 vagas para cada um dos 8 cursos, sendo 280 vagas, das quais 80% destinam-se a estudantes cotistas, o que resulta em um público diferenciado.

Por lecionar língua espanhola nesta instituição há 6 anos, foi possível perceber que há cursos com perfil mais masculino e outros mais femininos. De modo

empírico, foram sendo feitas observações sobre esses perfis, com atenção aos discursos e observando algumas ações de cunho sexistas, nas quais os cursos tidos como masculinos discriminavam àqueles tidos como mais femininos, uma forma de *bullying*. Isto provocou uma inquietação na professora de língua espanhola, pois suas observações ocorreram em diferentes espaços: como em visitas técnicas em que as turmas foram juntas, durante as atividades em sala, conversas pelos corredores e ouvindo a relatos de alunos de monitoria. Além destas situações, a região onde está localizada a escola é bastante perigosa, algumas estudantes foram vítimas de violências no entorno. Segundo o Relatório Estatístico Criminal da Polícia Militar do Paraná (2018), Curitiba é a cidade mais violenta do estado e dados da Guarda Municipal de Curitiba disponibilizados por meio do Mapa do Crime (2017), a zona central registrou o maior número de ocorrências.

No início do ano letivo de 2018 houve uma proposta institucional para que a temática “Mulher” fosse trabalhada durante o mês de março ou incorporada em algum bimestre, sendo uma atividade transversal e/ou multidisciplinar. Trás essa proposta, em muitos países hispânicos ocorreram uma série de crimes de gênero e muitos países da América Latina foram às ruas requerer posicionamento dos governos, segurança e respeito às mulheres. À época circulava nas redes sociais uma carta póstuma, como se fosse escrita por uma das duas meninas argentinas mortas no Peru, elas não foram tratadas como vítimas, pois estavam viajando sozinhas, no caso sem uma figura masculina. Nesta mesma época um dos cursos masculinos, teve uma desavença com o curso que é majoritariamente feminino, além de das turmas de terceiro ano estarem pedindo para assistir a série espanhola *La casa de Papel* neste momento ocorreu o *insight*: Por que não fazer uma proposta de intervenção sobre violência de gênero com as turmas do terceiro ano?

Assim, veio a pergunta de pesquisa: De que maneira uma sequência didática sobre violência de gênero pode possibilitar ao estudante de um curso técnico reconhecer sinais de violência de gênero? E visando responder a esta questão, elaborou-se uma sequência didática a ser aplicada em caráter de pesquisa de intervenção, visando também responder aos objetivos do Curso de Especialização em Saúde para professores do Ensino Fundamental e Médio, promovendo saúde mental e qualidade de vida.

Os cursos integrados ofertados por esta escola têm uma carga-horária muito grande, com atividades de contra-turno, sendo que duas vezes por semana eles têm

entre 10 e 12 aulas por dia. Não é possível que adolescentes tenham qualidade de vida com o volume de atividades acadêmicas, tarefas de casa e convívio social, pois comem e dormem mal, logo não há qualidade de vida e qualquer mínima situação toma proporções gigantescas.

Além disso, há uma quantidade alarmante de alunos com problemas de saúde mental: depressão, transtorno obsessivo-compulsivo, ansiedade e transtorno da ansiedade generalizada, automutilação, diferentes formas de tentar suicídio.

Por parte institucional, na medida do possível, há oficinas e palestras sobre os temas supracitados, visando à promoção da saúde e a prevenção de problemas futuros. Também participam das campanhas governamentais, mas já se percebeu que sua eficácia está aquém das reais necessidades da escola. A seção pedagógica conta com duas assistentes sociais, uma psicóloga e uma pedagoga para mais de cinco mil alunos, não há servidores suficientes para tanta demanda.

Durante os três últimos anos, além de ser professora de língua espanhola, a docente esteve na gestão, com a função de coordenadora de um dos cursos de EMI, o que lhe permitiu entender melhor “os bastidores da escola”, como por exemplo, que se pode contribuir para a melhora destes estudantes quando há informações disponibilizadas pelas famílias, psicólogos clínicos e psiquiatras, sem esse trabalho família-escola é mais moroso. E o mais importante, foi que com todos os problemas de saúde e a carga-horária puxada, as aulas de língua espanhola permitem que muitos temas sejam discutidos, que haja o aprendizado da língua, mas também que seja um espaço leve e eles não se sintam sobrecarregados, por isso a proposta de intervenção com uma sequência didática sobre um tema atual, que os estudantes por vezes nem percebem, e que também ocorre no espaço escolar.

1.2 OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Apresentar e discutir as formas de violência de gênero presentes no mundo hispânico e que se assemelham as do espaço escolar.

Objetivos Específicos:

- Discutir as questões de violência de gênero;
- Discutir as questões de violência no espaço escolar.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

*“One of the secrets of life
is that all that is really worth the doing
is what we do for others.”*
Lewis Carroll

Para a revisão bibliográfica deste trabalho, optou-se por redigi-la em duas seções, sendo a primeira uma revisão sistemática, buscando identificar os trabalhos mais relacionados a este TCC, e a seguinte seção com a revisão de literatura.

2.1 Marco Teórico

Para mapeamento das publicações foram selecionados repositórios nacionais e internacionais, usando as seguintes palavras-chave: Ensino de espanhol. Violência de gênero. Ensino Médio Integrado. Violência na escola. Os vocábulos foram combinados com o marcador booleano AND e aspas.

O recorte temporal foi de 5 anos (2014-2018) e as bases de dados escolhidas foram: o repositório da biblioteca da Universidade Federal do Paraná (UFPR), o catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de dados de Teses Doutorais da Espanha (TESEO). Para esta revisão sistemática foram considerados trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e artigos científicos, conforme acervo de cada repositório e as consultas foram realizadas na língua de origem (português e espanhol). Para o quadro optou-se pelo vernáculo, ainda que a consulta tenha sido realizada em língua estrangeira.

QUADRO 1 – Revisão de Trabalhos Publicados

Palavra-chave	Repositório				
	Biblioteca UFPR	CAPES	SciELO Brasil	LILACS Brasil e América do Sul	TESEO
Ensino de Espanhol	4	206	31	0	5
Violência de Gênero	1	542	255	23	175

Ensino Médio Integrado	2	510	21	0	10
Violência na Escola	1	82	111	3	7
Ensino de Espanhol AND Violência de Gênero	0	0	0	0	0
Ensino de Espanhol AND Ensino Médio Integrado	0	0	0	0	0
Ensino de Espanhol AND Violência na Escola	0	0	0	0	0
Violência de Gênero AND Ensino Médio Integrado	0	0	0	0	0
Violência de Gênero AND Violência na Escola	0	0	18	0	0
Ensino Médio Integrado AND Violência na Escola	0	0	0	0	0

Fonte: Repositórios (2018)

Ao fazer a revisão sistemática, o destaque está para a ausência de trabalhos que envolvam o ensino de espanhol na educação profissional e que use o tema de violência de gênero, possibilitando assim o protagonismo desta pesquisa de intervenção.

Dentre os resultados encontrados há o destaque para o volume significativo de trabalhos sobre violência na escola relacionados ao *bullying*. No entanto, tratam-se de trabalhos na área da psicologia e não da educação e/ou aquisição de língua estrangeira.

2.2 Referencial Teórico

A educação profissional está regida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - LEI Nº 9.394/1996) e, por meio da Seção *IV-A Da Educação Profissional Técnica de Nível Médio* (Incluído pela Lei nº 11.741/2008) têm-se a modalidade integrada:

[...]

Art. 36-B. A educação profissional técnica de nível médio será desenvolvida nas seguintes formas:

- I - articulada com o ensino médio;
- I - articulada com o ensino médio;
- II - subsequente, em cursos destinados a quem já tenha concluído o ensino médio.

Parágrafo único. A educação profissional técnica de nível médio deverá observar:

- I - os objetivos e definições contidos nas diretrizes curriculares nacionais estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação;
- II - as normas complementares dos respectivos sistemas de ensino;
- III - as exigências de cada instituição de ensino, nos termos de seu projeto pedagógico.

Art. 36-C. A educação profissional técnica de nível médio articulada, prevista no inciso I do caput do art. 36-B desta Lei, será desenvolvida de forma:

- I - integrada, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, efetuando-se matrícula única para cada aluno;

BRASIL (2008)

Assim, trás o entendimento sobre o EMI é preciso entender como se dá a oferta desta modalidade na questão. Para tanto, há a lei de criação dos Institutos Federais (Lei Nº 11.892/2008), cujo primeiro objetivo descrito na Seção III, trata da referida modalidade, sendo esta prioritária:

Art. 7º Observadas as finalidades e características definidas no art. 6º desta Lei, são objetivos dos Institutos Federais:

- I - ministrar educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados, para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos;

(BRASIL, 2008)

A oferta da modalidade sendo prioritária tem-se então, a organização dos planos pedagógicos de cursos, nos quais é preciso o cumprimento de uma carga-horária mínima de componentes curriculares do núcleo técnico e uma carga-horária mínima para os do núcleo comum, àquelas referentes ao Ensino Médio. Isto posto, afunila-se para um dos componentes do núcleo comum, língua espanhola, que na LDB aparece no quarto parágrafo do Artigo 35-A, Seção IV:

§ 4º Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter

optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino.

(BRASIL, 2017)

Os planos de curso dos são anteriores à mudança da legislação e da reforma do Ensino Médio, por isso, todos têm língua espanhola como oferta obrigatória e não optativa. O programa e as ementas possuem assuntos obrigatórios, à época baseados nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio (PCN) pelo eixo Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Visando que na aula de língua estrangeira moderna o estudante tenha contato com outros saberes, e perceba que os códigos se assemelham à sua língua materna, desta forma, ainda que a carga-horária seja pequena, o estudante pode apropriar-se daquele saber em língua estrangeira e o “indivíduo deve ser capaz de apropriar-se do conhecimento e discernir quanto a maneiras de fazer uso dele.” (PCN, 2000, p. 96).

Dessa forma, tratar temas atuais e que despertem o interesse dos estudantes favorece o aprendizado da língua, mas também possibilita o pensamento crítico nos estudantes.

Nesse sentido, o debate sobre violência de gênero é fundamental no espaço escolar, pois trabalhar com a temática de igualdade de gênero previne a violência contra a mulher. Além de responder ao quinto dos dezessete novos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que se baseiam nos oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), ambos propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU). O objetivo supracitado é “Objetivo 5 Igualdade de Gênero. Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.” E conta com nove objetivos específicos que se entrelaçam aos outros dezesseis objetivos.

Para entender como a temática da violência de gênero pode chegar à escola e cumprir com os objetivos propostos pela ONU faz-se necessário consultar informações referentes à realidade brasileira e em especial do Paraná. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2017 o país registrou 164 casos de estupro por dia e acredita-se que houve por volta de 7,5% a 10% não comunicados a polícia, passando assim a mais de 500 mil no ano. No relatório e na página web estão disponíveis dados referentes a 2016 e há filtros por estado, as tabelas a seguir indicam os números de estupros e tentativas de estupros no Paraná.

TABELA 1 – Estupro

UF	Estupro			
	Número de registros	Números absolutos	População	Taxas /100 mil habitantes
PR	1	4.164	11.242.720	37

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2018)

TABELA 2 – Tentativa de Estupro

UF	Tentativa de estupro			
	Número de registros	Números absolutos	População	Taxas /100 mil habitantes
PR	1	488	11.242.720	4

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2018)

E o fragmento do infográfico apresenta dados referentes a 2017:

FIGURA 1 – Fragmento do Infográfico Segurança Pública em Números 2018

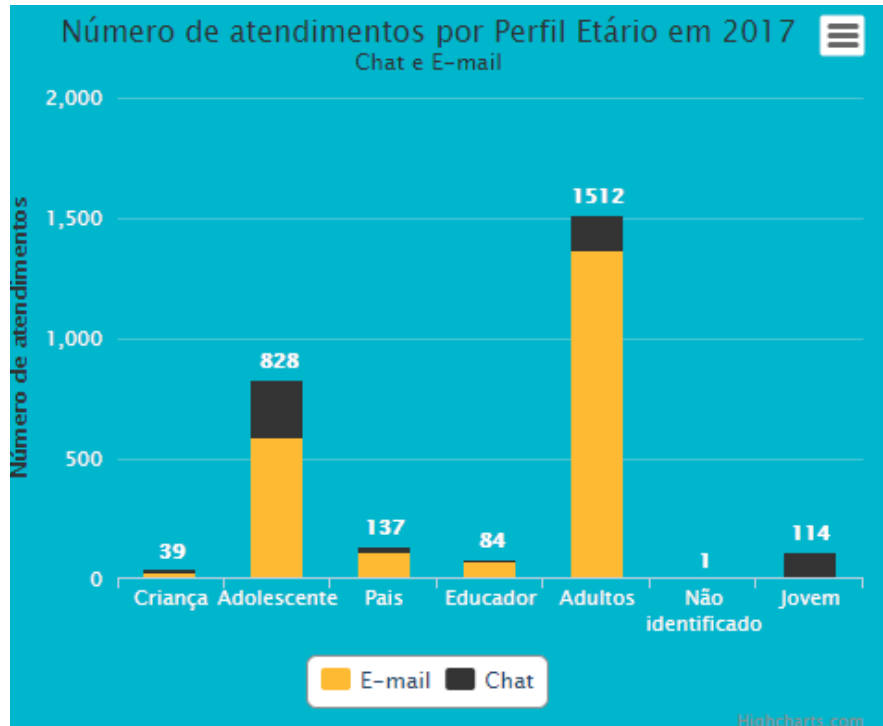


Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2018)

Frente a estes dados, é irrefutável a necessidade de levar este tema ao espaço escolar, sobretudo considerando o bullying, o cyberbullying e o sextorsão, estes dois últimos caracterizados como crimes de Internet. A Organização não Governamental (ONG) *SaferNet* faz atendimentos *on line* nos quais auxilia as mais variadas violações. Esta ONG disponibiliza indicadores com os atendimentos, estes números

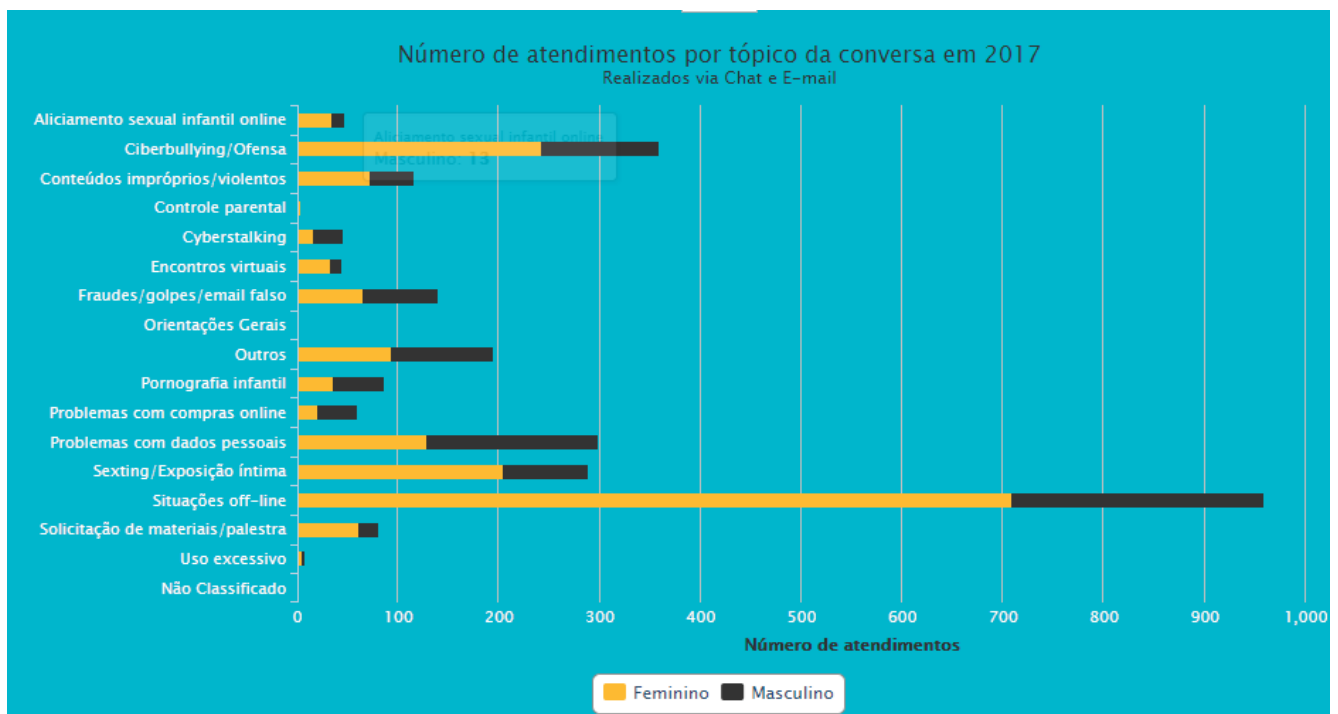
corroboram para a necessidade de discutir violência de gênero, pois há muitos adolescentes pedindo ajuda.

GRÁFICO 1 – Número de atendimentos por Perfil Etário



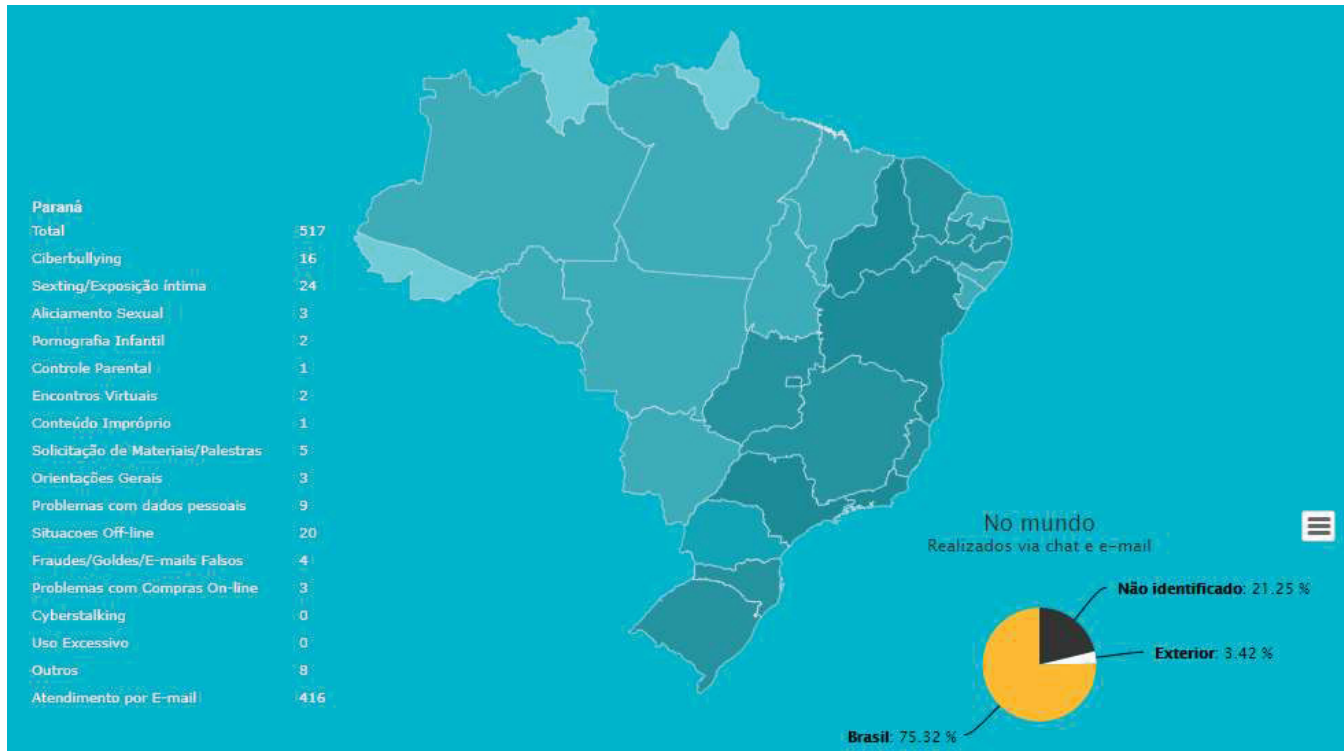
Fonte: SaferNet (2018)

GRÁFICO 2 – Número de atendimentos por Tópico da Conversa



Fonte: SaferNet (2018)

GRÁFICO 3 – Número de atendimentos no Paraná



Fonte: SaferNet (2018)

Os gráficos demonstram que a situação é alarmante e o Paraná aparece um significativo número de atendimentos, o que fomenta a necessidade deste projeto de pesquisa.

O coletivo feminino *Ni Una Menos (Nem uma a menos)*, criado na Argentina em 2015, depois da morte violenta de uma adolescente grávida de 14 anos, tem lutado contra a violência machista e em especial ao seu pior grau, o feminicídio. E esse conceito de “Nem uma a menos” envolve todas às ações de violência contra a mulher. Segundo dados da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) estima-se que morrem 12 mulheres vítimas de violência por dia na região, sendo 3 no Brasil.

Assim, com informações alarmantes e com a autonomia para a escolha de temas para as aulas de ELE, tem-se esta pesquisa de intervenção.

3 METODOLOGIA

*“Se a educação sozinha não transforma a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda.”*
Paulo Freire

Para a metodologia, tem-se uma sequência didática para a pesquisa de intervenção com caráter qualitativo. Esta foi organizada para 3 semanas, em aulas de língua espanhola geminadas de 100 minutos.

Semana 1

Assistir ao primeiro episódio da série de televisão espanhola “La Casa de Papel”

Depois de assistir, organizar uma roda de conversa com a turma e perguntar¹ se acreditam que há violência de gênero no episódio e conduzir a uma reflexão frente a duas situações:

1) **Secretária grávida** (cenas com o tempo conforme a execução na Netflix: 33:11 – 33:01; 27:20 – 27:00; 26:17 – 25:55; 25:26 – 25:15; 25:05 – 24:50; 25:26 – 24:27; 24:17 – 23:58; 23:54 – 23:46; 23:44 – 23:34)

FIGURA 2 – Cena Situação 1



Fonte: Netflix (2018)

¹ Para este TCC optou-se pela redação em vernáculo, durante a realização da pesquisa a docente empregou a língua alvo, retornando à língua materna salvo necessário.

Apresentar a FIGURA 2 e discutir com o grupo sobre a violência psicológica e física. Com perguntas norteadoras:

O que vocês pensam sobre essa situação?

Por que é tida como um caso de violência de gênero?

Em quais momentos houve sinais de violência psicológica?

Como procurar ajuda?

Perguntar se há outro momento de violência e conduzir a aula para a próxima situação.

2) **Bullying, Cyberbullying e Sextorsão** (cenas com o tempo conforme a execução na Netflix: 30:47 – 28:19; 27:46 – 27:29; 22:08 – 21:59; 21:49 – 21:42; 21:30 – 21:22; 21:17 – 21:13; 21:08 – 21:05; 21:02 – 20:57; 20:54 – 20:48; 20:45 – 20:40; 20:36 – 20:27; 20:15 – 20:06)

FIGURA 3 – Cena Situação 2



Fonte: Netflix (2018)

Continuar com a roda de conversa, projetar a imagem acima e retomar a roda de conversa com perguntas norteadoras:

Por que é uma situação de violência?

O que é bullying?

O que é cyberbullying?

O que é sextorsão?

*Quais as consequências de se ter uma foto divulgada nas redes sociais?
Como pedir ajuda?*

Encerrar a roda de conversa explicando aos estudantes que em ambos os casos é possível pedir ajuda, conversar com os pais, ou professores ou alguém de confiança, apresentar-lhes a ONG SaferNet, a Delegacia da Mulher e a Delegacia de Crimes Virtuais.

Semana 2

Começar a aula recuperando os tipos de violência discutidos no encontro anterior, questionando sobre serem ou são frequentes também no Brasil, especificamente em Curitiba e como têm essa informação.

*Gostaram do primeiro episódio de La casa de Papel?
Quais foram os tipos de violência de gênero que apareceram no episódio?
Estes crimes também ocorrem no Brasil? E em Curitiba? E aqui na escola?
Como vocês têm essa informação?*

Organizar os estudantes em quartetos e entregar-lhes um texto (Anexo 1) sobre o Coletivo Feminino #NiUnaMenos. Cada integrante deve ler dois tópicos, comentar entre o grupo, escolher um representante para compartilhar com a sala as interpretações do grupo, nessa fala devem responder a seguinte questão:

De que maneira é possível utilizar-se das ações do Coletivo Feminino #NiUnaMenos para as situações de violência de gênero na Escola?

Com base nas explanações, a docente deve mediar a discussão e em seguida trabalhar com a música *Caza Pañuel*, do *rapper* espanhol Rayden. A atividade consiste em ouvir a música de 2 a 3 vezes, completar os espaços faltantes e depois ver o videoclipe. (Ver Anexo 2)

Comentar com a classe quais as metáforas presentes na canção e como foram retratadas no clipe.

Semana 3

Entregar aos estudantes uma cópia da carta intitulada *Ayer me mataron*, escrita por Guadalupe Acosta. (Anexo 3) pedir-lhes que façam uma leitura individual grifando as palavras desconhecidas, na sequência fazer uma leitura coletiva, cada estudante lê um trecho em voz alta, em duplas/trios devem procurar o significado no dicionário das palavras que grifaram e no quadro negro fazer um glossário. Para isto a professora deverá pedir na aula anterior que tragam seus dicionários de casa e também solicitar os volumes disponíveis na biblioteca da instituição.

A professora considerando as palavras apontadas deverá fazer uma breve roda de conversa sobre o texto e em seguida pedir para que escrevam frases com a *#yoviajosola* (Eu viajo sozinha), a professora passará pela sala auxiliando e corrigindo as frases.

Na sequência os estudantes devem escrever uma de suas frases em um pedaço de papel criativo e anonimamente colar em espaços públicos do campus, como uma proposta de intervenção urbana.

Para finalizar resolver questão do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) com a temática (Anexo 4).

4 RESULTADOS/ANÁLISE DOS DADOS

*“Sem a educação das sensibilidade
todas as habilidades são tolas e sem sentido.”
Rubem Alves*

A cada semana a professora fez um registro das frases escutadas e de como foi a aula, uma espécie de diário de bordo para posterior consulta. Os resultados encontrados foram surpreendentes, para a Semana 1: Ao se fazer a roda de conversa esta gerou relatos sobre o que ocorre no dia-a-dia dos estudantes. Contaram sobre histórias que conheciam de familiares e amigos que já passaram por situações similares, e algumas das meninas contaram que haviam sido assediadas na praia durante as férias, que era preciso de o irmão de uma delas sempre estivesse com o grupo, como se fosse um “guarda-costas” e essa fala foi retomada com a leitura da carta póstuma da Semana 3. Cada fala de um dos estudantes era ouvida e respeitada pelos colegas, com sinais corporais de concordância ou pedindo turno de fala para corroborar de alguma maneira. Tanto meninos quanto meninas relataram situações que eles ou alguém conhecido enfrentou e que por seus pares/círculo social são que consideradas aceitáveis e/ou socialmente aceitáveis, culturais, que não antes não questionariam, mas com a roda de conversa o tema veio à tona e perceberam tratar-se de violência simbólica, psicológica, patrimonial/econômica, sexual ou física.

Além das falas, o que mais chamou a atenção da professora-pesquisadora foi o silêncio seguido de olhares atentos quando lhes foi explicado sobre a ONG SaferNet e que rapidamente muitos anotaram o endereço do *site*. A professora abriu uma página da Internet em sala e explicou como é feito o trabalho da organização enfatizando que por ali têm um canal de ajuda e denúncia.

Ainda sobre a Semana 1, eles gostaram de assistir o episódio da série *La Casa de Papel*, especialmente porque há algumas aulas estavam pedindo, estavam se sentindo vitoriosos, que seus pedidos foram acatados, mas e um dos estudantes disse: “A professora não faz nada sem pensar, passou o episódio, mas junto veio uma liçãozinha”. O que demonstra que entenderam haver um objetivo com ver um episódio de uma série, houve significado, não foi assistir por assistir, tinha um

propósito. Além desse comentário, por conta das situações discutidas na roda de conversa, alguns alunos procuraram a docente em seu horário de atendimento para relatar situações que vivenciam em casa e que nem sabiam se tratar de uma violência, foi feito o registro junto à coordenação do curso para os devidos encaminhamentos, junto à seção pedagógica e equipe de serviço social da instituição. Assim, já na primeira semana a pergunta de pesquisa foi respondida “De que maneira uma sequência didática sobre violência de gênero pode possibilitar ao estudante de um curso técnico reconhecer sinais de violência de gênero?”.

E, já na Semana 2 os objetivos desta pesquisa de intervenção foram cumpridos, a discussão girou em torno das situações vividas no espaço escolar, exemplificaram com falas de professores e servidores, usos dos espaços coletivos, postura de colegas dos cursos mais masculinos. Cada porta-voz de equipe soube argumentar, houve turno de falas com réplicas e tréplicas, sem nenhuma confusão, a aula passou muito rápido e a palavra que descreve àquela manhã foi “respeito”.

A atividade com a música foi muito agradável e relataram não saber que existia *rap* em espanhol, por terem gostado da música, a professora disponibilizou mais canções e indicou outros cantores. Um dos pontos mais positivos foi que entenderam que um Coletivo pode tomar as ruas e reivindicar que o governo cumpra com o que lhes cabe, alguns colocaram que haviam visto a imagem da #NiUnaMenos nas redes sociais, mas não sabiam a que se referia e tampouco buscaram saber, mas que depois da aula iriam acompanhar e seguir nas redes sociais. Trás esse comentário, a professora disse que há um “braço” dessa vertente no Brasil, o que gerou um alvoroço na sala, pegaram os celulares e foram procurar as redes sócias para seguir.

Na Semana 3, começaram a aula rindo da professora que carregava uma pilha de dicionários, porém, depois da leitura da carta, os estudantes se mostraram bastante emotivos, sinalizaram muita revolta e indignação pelo fato de que se não havia uma presença masculina, significava que estavam sozinhas, alusão ao fato de serem duas moças. Nessas falas comentaram sobre a aula anterior, fizeram referências ao texto sobre o coletivo #NiUnaMenos. A conversa sobre o texto teve um tom de tristeza, foram enfáticos nas falas, mas sem o carisma adolescente.

Comentaram que há tempos não faziam atividades com o dicionário, desde o Ensino Fundamental II, leram e riram de algumas palavras encontradas ao acaso, sem ser a que buscavam, neste dia o dicionário do celular não pode ser utilizado.

Os 50 minutos seguintes envolvia a proposta de intervenção nos espaços públicos do campus e a resolução de uma questão do ENEM. Colar o cartãozinho colorido foi a que eles mais gostaram de fazer, pois puderam circular pela escola, saíam, colavam e voltavam com um sorrisinho maroto com a frase “*Profe, você não vai adivinhar onde tá o meu!*”. E entre eles tentavam adivinhar onde o colega tinha colado, tentavam adivinhar pela letra de quem era a frase com a #YoViajoSola.

Essa intervenção foi bastante provocativa, pois outros professores, de outras disciplinas comentaram com a professora de espanhol que esta prática foi “*Nossa, muito bacana!*” “*Até tirei foto para mostrar para a minha namorada!*”.

E por fim a resolução das questões do ENEM, que depois de terem circulado pelo campus foi bastante complicada, mas ainda que eufóricos, foi possível encerrar a sequência didática, de modo que percebessem que todas as atividades estavam amarradas, o tema é fundamental para a sociedade e pode inclusive estar no ENEM.

Na sequência as fotos com a intervenção #YoViajoSola:

FIGURA 4 – Intervenção 1



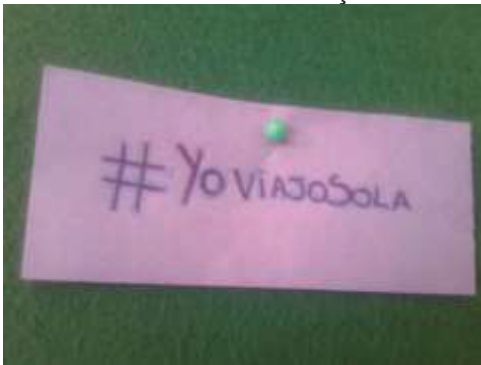
Fonte: A Autora (2018)

FIGURA 5 – Intervenção 2



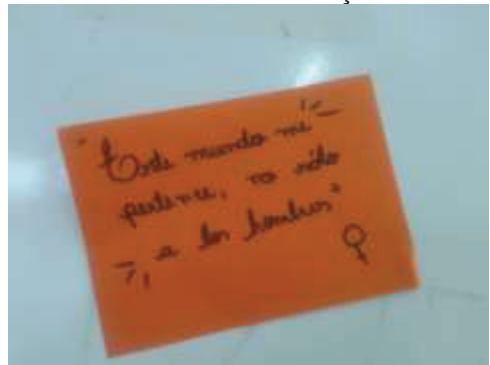
Fonte: A Autora (2018)

FIGURA 6 – Intervenção 3



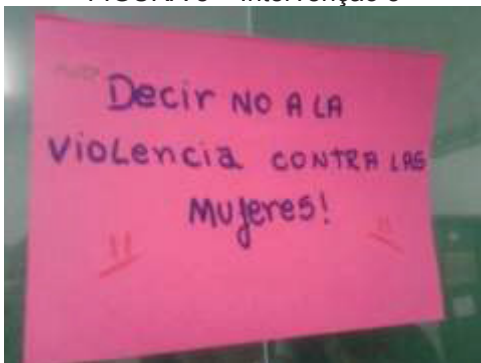
Fonte: A Autora (2018)

FIGURA 7 – Intervenção 4



Fonte: A Autora (2018)

FIGURA 8 – Intervenção 5



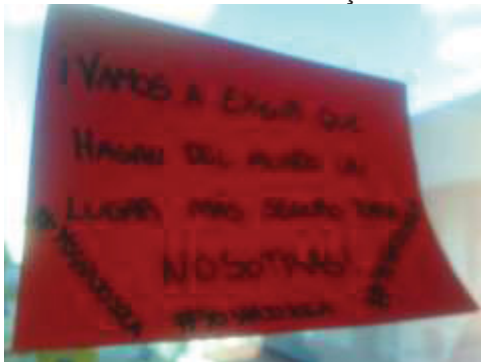
Fonte: A Autora (2018)

FIGURA 9 – Intervenção 6



Fonte: A Autora (2018)

FIGURA 10 – Intervenção 7



Fonte: A Autora (2018)

FIGURA 11 – Intervenção 8



Fonte: A Autora (2018)

)

FIGURA 12 – Intervenção 9



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primordial desta pesquisa de intervenção era conseguir responder aos objetivos, e isto foi possível. Em tempos sombrios, com índices assustadores de violência contra a mulher, conseguir levar este tema para uma escola de ensino profissionalizante foi um desafio. Saber que muitos estudantes se identificaram com o que foi discutido e poder dar os encaminhamentos, como escola, como docente e principalmente como professora-pesquisadora é muito importante.

O ensino de língua estrangeira na escola é muitas vezes banalizado, os colegas das chamadas “disciplinas técnicas” têm um discurso retrógrado sobre a oferta de uma língua em um curso técnico. Então, quando se ouve pelos corredores ou se vê alguém parado lendo àquele pequeno papel com uma intervenção urbana, é uma vitória para o ensino de espanhol e o sinal de que de alguma forma foi a violência de gênero chegou a alguém, além dos alunos daquela turma.

Espera-se com este trabalho que a sequência didática aqui proposta seja utilizada por outros professores de espanhol, que consigam promover o debate com seus alunos de ensino médio e promovam saúde, como este curso de pós-graduação fez.

REFERÊNCIAS

CALDAS, J. M. P.; GESSOLO, K. M. **Violencia de Género: nuevas realidades y nuevos retos**. Saúde Soc. São Paulo, v.17, n.3, p.161-170, 2008.

BABIUK, G. A.; FACHINI, F. G; SANTOS, G. N. **Violência de gênero nas escolas: implicações e estratégias de enfrentamento**. Educere. Curitiba: 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília, MEC, 2000. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Disponível em http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm

BRASIL. BRASIL. Lei nº. 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 1, 30/12/2008. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm

DANI, L. S. C.; **Conflitos, sentimentos e violência escolas**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v.9, n.28, p. 571-586, set./dez. 2009.

KAIROS. **Revista de Temas Sociales**. ISSN 1514-9331. URL: <http://www.revistakairos.org> Proyecto Culturas Juveniles Publicación de la Universidad Nacional de San Luís. Año 19. Nº 35. Mayo 2015. DOSSIER ESPECIAL.

LIMA, R. S., et all. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública, Infográfico de divulgação**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública: 2018. Disponível em <http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica-edicao-especial-2018-analises-dos-estados-e-faccoes-prisionais/>

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, MEC, 2000. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>

PARANÁ. **Relatório Estatístico Criminal 3º Trimestre de 2018**. Secretaria Da Segurança Pública e Administração Penitenciária, Curitiba: 2018. Disponível em :

http://www.seguranca.pr.gov.br/arquivos/File/Relatorio_Estatistico_3Trimestre_2018.pdf

QUARESMA, L. **Violência escolar e de gênero**. Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, 2010, pág. 351-374.

SAFERNET. **Indicadores de usos do *Helpline***. Disponível em <https://helpline.org.br/indicadores/>

ONU BRASIL. Organização das Nações Unidas. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em <https://nacoesunidas.org/pos2015/>

UOL. Portal de Notícias. Nascido de tragédia argentina, **Ni Una Menos tenta parar mulheres por direitos e leis**. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/03/08/nascido-de-tragedia-argentina-ni-una-menos-tenta-parar-mulheres-por-direitos-e-leis.htm>

ANEXOS

ANEXO 1 – Texto #NiUnaMenos

Sábado, 3 de junio de 2017

Carta orgánica

1. Somos

Ni una menos nació ante el hartazgo por la violencia machista, que tiene su punto más cruel en el femicidio. Se nombró así, sencillamente, diciendo basta de un modo que a todas y todos conmovió: “ni una menos” es la manera de sentenciar que es inaceptable seguir contando mujeres asesinadas por el hecho de ser mujeres o cuerpos disidentes y para señalar cuál es el objeto de esa violencia.

Esa consigna desbordó las interpelaciones previas del feminismo, desde donde la violencia machista se viene denunciando hace décadas, pero al mismo tiempo, desde la primera marcha del 3 de junio de 2015, la calle y el documento demostraron que la fuerza que se movilizaba era un impulso feminista, se reconociera o no albergado en esa palabra, en su pluralidad de tonos y voces.

Al calor de esas voces se consolida el Colectivo Ni Una Menos, con sus muchas expresiones regionales, como parte de un movimiento histórico, que tuvo y tiene hitos organizativos fundamentales en las tres décadas de Encuentros Nacionales de Mujeres y en la Campaña Nacional por el Derecho al Aborto legal, seguro y gratuito. Y que también se reconoce en las Madres y Abuelas de Plaza de Mayo, en las mujeres revolucionarias que fueron sus hijas, en los movimientos LGBTIQ, en las que se organizaron en sindicatos y en las piqueteras, en las mujeres migrantes, indígenas y afrodescendientes y en la larga historia de luchas por la ampliación de derechos. Nuestras libertades y capacidades vienen de esa tenacidad que se acumula históricamente. Somos parte de esa historicidad y, a la vez, contemporáneas de un movimiento de mujeres novedoso, potente, popular, transversal, libertario, con mil rostros y miles de entonaciones, que es regional e internacional, a la vez que se inscribe en cada parte del territorio nacional.

Ni Una Menos es un colectivo que reúne a un conjunto de voluntades feministas, pero también es un lema y un movimiento social.

Ese movimiento plural y heterogéneo hizo que en poco tiempo en cada hogar, sumado o no a la lucha en las calles, puedan identificarse pequeñas inequidades y violencias cotidianas como acciones que agravan las biografías y cercenan la vida en libertad: de poder decir sí o de decir no. Este movimiento quiere permear las bases de la desigualdad, y transformarla.

2. Las violencias

Como Colectivo Ni una menos, al mismo tiempo que crecieron esas movilizaciones contra la violencia machista y contra las narrativas sociales que se alojan mediáticamente, fuimos pensando y nombrando distintas dimensiones de la violencia. La brecha salarial, el trabajo de cuidado no reconocido ni remunerado, la desocupación que recae con mayor peso entre las mujeres, lesbianas, transexuales y travestis y entre ellas, las más jóvenes. En consecuencia, la violencia sobre los cuerpos se sostiene y trenza con la desigualdad social, la lógica de la acumulación de riquezas, las condiciones de trabajo, las instituciones y el Estado. Una madeja de cuestiones económicas, políticas

y culturales que necesitamos desovillar, para desarmar sus fundamentos y así combatir sus violencias.

Desde las propias experiencias vitales, sabemos que debemos develar el carácter político de la violencia machista -que no es una injuria de la vida íntima- y, a la inversa, llevar la política a la vida privada. El patriarcado y la heterosexualidad como régimen político tienen dispositivos que hacen sistema en cada lugar donde se enraiza -no es igual en todos lados aunque el sustrato se mantenga- : en las relaciones de poder, en las instituciones, en los discursos y en las formas de opresión de cada contexto para funcionar en tándem con ellas. Se anudan las violencias que ejercen los sistemas judiciales, médicos, educativos, las narrativas mediáticas, las presiones laborales, para contener las vidas en los moldes que prescribe el patriarcado. Tejer una nueva forma de vida exige pensar todas esas dimensiones, desanudarlas y verlas a la vez.

3. Amistad política: inteligencia colectiva

El primer mandato del patriarcado nos enseña a desconfiar las unas de las otras. Esa hechura patriarcal nos persigue: a veces repetimos en nuestros modos esos micromachismos. Para desarmar todo esto, necesitamos construir una práctica de confianza y cuidado mutuo entre nosotras: una amistad política. Inventar trazos y lazos, palabras en común, acordados modos de tramitar, colectivamente, nuestras desdichas y violencias. Poner en común para desactivar lo que, justamente, intenta destruir esa amistad, esa inteligencia que sólo puede ser colectiva. En cada uno de nuestros trayectos biográficos está el sufrimiento y las huellas del daño. Los reconocemos, nos reconocemos en ellos, pero no serán justificación para prácticas insolidarias y contrarias a la ética feminista que construimos.

Estamos dispuestas a inventar nuevos modos de vida, sustentados en el cuidado y no en la competencia, en el parloteo de la amistad y no en la maledicencia facciosa, en el amparo de nuestra vulnerabilidad y no en la adjudicación a otras de nuestros menoscabos. Nadie dice que sea fácil. Decimos que es una tarea política. La mayor de ellas.

Crear formas de vida y crear organización feminista, capaz de trabajar desde la heterogeneidad y con el máximo de los respetos a la pluralidad que nos constituye. Eso implica el respeto a quienes se definen como trabajadoras sexuales, a la vez que denunciamos los modos de explotación y reducción a la servidumbre que implica la trata. Debemos construir ámbitos organizativos en los que cada voz sea audible y cada cuerpo cuente.

4. Hacemos política

Ni una menos, el Colectivo, surgió de transformar el duelo en potencia: vivas nos queremos. Eso sigue implicando resistir a los intentos de captura de nuestra voz colectiva y construir estrategias para correr del lugar en el que las interpelaciones públicas quieren ubicarnos: el de víctimas. Nosotras no nos reconocemos como víctimas -hayamos o no sido victimizadas- ni nos dirigimos a otras mujeres, incluso las que sufren o sufrieron violencia, como víctimas, sino como sujetas de creación, potencia de hacer, voluntad de transformación. La palabra víctima no es un adjetivo permanente: nos mueve el deseo de una historicidad biográfica de mayor libertad y autonomía. En ese sentido, desde el momento en que salimos a la calle, lo hacemos como sujetas políticas, con la enorme

responsabilidad por las que ya no están y con el claro compromiso con las que están luchando para tener una vida que deseen vivir.

Nuestro nombre es el de la construcción de una sociedad más libre, en la que desde la infancia no seamos empujadas a la aceptación de patrones de conducta que nos condenen a la subalternidad y la obediencia. Ponemos en cuestión las estructuras sociales de las cuales el machismo es piedra angular, cimiento y soldadura.

Somos las que somos, bajo paraguas que nos albergan de diferentes modos –mujeres, transexuales, lesbianas, travestis, de todas las edades y todas las nacionalidades, trabajadora–, con infinitos modos de nombrarnos, todos posibles, todos ciertos, todos habitando una pluralidad que nos entusiasma. En el fondo de esa pluralidad compartimos las heridas, el saber de las heridas, la humillación, la diatriba, la huella colonial, pero también el deseo de una épica que convierta la herida en arma, con nuevas prácticas para una sociedad nueva.

Proponemos acciones colectivas, apostamos a la organización y a la cuidadosa construcción de prácticas feministas. Nuestro activismo es tan político como el de las sufragistas, las que se rebelaron en los conventillos a principios de siglo, las comuneras que pelearon por sus tierras, las madres que buscaron a sus hijas e hijos secuestrados, las trabajadoras que se sindicalizaron, las que pidieron divorcio, paridad, aborto. Respetamos la religiosidad y el sistema de creencias de todos y todas; estamos convencidas, sin embargo, de que la defensa de un Estado laico garantiza las bases del igualitarismo. Ninguna Iglesia como institución puede ni debe influir en políticas públicas, ni la defensa de su moral, obstaculizar el acceso a derechos.

Ni una menos no es un colectivo partidario, pero sí es político y articulamos con otros colectivos que se reconozcan en objetivos comunes, sin perder nuestra autonomía. Somos un colectivo que se construye a distancia del Estado y de los partidos políticos, de las empresas y del capital. Autonomía y transversalidad son necesarias para un movimiento de mujeres que propone reformas a la vez que sabe que debe cambiar todo.

5. Antipunitivismo

En estos dos años, nuestra agenda se complejizó. Las demandas iniciales concentradas en cinco puntos están pendientes. Al mismo tiempo las condiciones de vida empeoran y sobre nuestros cuerpos se desploman las partes agrietadas del edificio social. Las mujeres que trabajan en la economía informal son perseguidas, las trabajadoras sexuales objeto de criminalización, las militantes judicializadas, las movilizaciones y el activismo feminista puestos bajo la lupa de la represión. Mientras tanto, la cuenta de los crímenes crece y se nos ofrece más mano dura.

Triunfó la lógica mediática: las respuestas a nuestras demandas fueron en ese sentido, para ganar la opinión pública en lugar de dar soluciones efectivas y reales. El crecimiento de los discursos punitivistas desde el Poder Ejecutivo y Legislativo y la sanción de leyes que agudizan la crisis humanitaria de las cárceles y proponen el endurecimiento de las penas agravan nuestra situación. Porque no sólo eluden las políticas públicas integrales de prevención, cuidado y acompañamiento, sino que esta demagogia llega cuando estamos muertas.

No vamos a permitir, y lo sostenemos en nuestras intervenciones, que tomen las muertes como coartadas justificadoras de la violencia institucional. Tampoco vamos a dejar de señalar la

complicidad judicial en la desprotección de las mujeres que denuncian, ni la del Ejecutivo cuando recorta políticas que podrían evitar las violencias. Ante cada femicidio podemos decir: el Estado es responsable.

El punitivismo y el manodurismo, por otra parte, son usados contra nuestro legítimo derecho a la protesta social. Decimos: no en nuestro nombre. El Estado tiene ya leyes modelo que no aplica y programas nacionales que vacía, como el de Educación Sexual Integral, como la Ley de Protección Integral a las Mujeres, como el de Salud Sexual y Reproductiva, como el de Patrocinio Jurídico Gratuito, como la que debe garantizar dentro de las cárceles, un programa especializado para ofensores sexuales y feminicidas condenados. La contracara del punitivismo está en todo lo que el Estado elude hacer, y eso también es política.

6. Derecho al aborto

La demanda y la defensa del derecho al aborto es parte de nuestro derecho a la soberanía de nuestros cuerpos, a gozar, a ser madres o no serlo, a parir como queremos y con quien queremos. Al igual que en los argumentos contra el voto femenino, nos condenan a una eterna minoría de edad, que nos impide decidir sobre nuestras vidas, al tiempo que se las pone en riesgo cuando queremos interrumpir un embarazo, y nos empujan a la clandestinidad. El derecho al aborto es necesario para proteger la salud y la integridad de las mujeres y otros cuerpos con posibilidad de gestar. La negación de ese derecho, incluso el ya consagrado de interrupción legal del embarazo, es violencia institucional, somete a formas de tortura, tratos crueles y humillantes. Sin aborto legal, no hay ni una menos posible.

7. Estamos para nosotras

Estamos para cuidarnos, acompañarnos, transmitirnos saberes, sabernos cómplices, atentas al sentir de las otras. Estamos dispuestas para el cotilleo entre amigas, la charla entre colegas, la amistad en el barrio, porque sabemos que hacer conventillo nos permite construir palabra y saberes en común: de nuestras mutuas experiencias surge el cuidado.

La mayoría de las situaciones de violencias física y psicológica contra las mujeres y cuerpos feminizados se dan sin la presencia de otras personas. Decir que estamos para nosotras significa, también, que valoramos la palabra de las mujeres. Por eso estamos atentas a aquellos casos que criminalizan a las mujeres bajo la lupa de la moral como las causas por abandono de persona que se abren contra las madres violentadas junto a sus hijxs por varones agresivos o las causas de legítima defensa. Si tocan a una, nos tocan a todas. Y el mismo hilo con el que se teje la ética feminista del cuidado, hilvana el acompañamiento y la solidaridad entre nosotras ante las causas arbitrarias y/o injustas.

La cita entre generaciones es también la de la parla de mujeres, herencia de los cuidados y de las tácticas de las presuntamente débiles. Nosotras narramos, nos narramos, nos hablamos y construimos entre todas una memoria de las heridas, los heroísmos diarios, los cuidados mutuos. En ese tejido nos hacemos, somos también en la palabra.

8. Deseamos

Apostamos a una fuerza políglota, plurilingüe, díscola, fugitiva, una Red federal e internacional, que surja de la red entre grupos diferentes capaces de unirse en estos acuerdos mínimos, decididos

también a funcionar separados pero que articulen en una liga ofensiva y defensiva, para dar peleas conjuntas a veces y crear por separado muchas otras. Esa red debe prestar atención a las diferencias territoriales que expanden y enriquecen la heterogeneidad de nuestras agendas y demandas, sin contradecir los acuerdos fundamentales. Se trata de construir un trabajo en común que no implique flujos asimétricos.

Apostamos a seguir desbordando los cercos en los que la sociedad patriarcal nos confina, a seguir hablando para las que no se reconocen feministas pero tienen prácticas de autonomía, para las que se sienten oprimidas pero no identificaron la causa, para las que simplemente quieren vidas libres de violencias, para quienes se escurren de la diferencia de géneros, para los varones que revisan sus prácticas y, también, para quienes aún no lo hacen: hablamos para todas y para todos. Apostamos a seguir pensando dentro y fuera de los límites nacionales, a construir una perspectiva feminista sobre todas las desigualdades. Ni lo humano ni la naturaleza, la tierra y la existencia, puede sernos ajeno. Reducirnos a tomar la parte que el género nos asigna, es también un modo de enajenación. Ante eso, decimos: una mirada feminista, singular y precisa, sobre la existencia, sobre las condiciones materiales, sobre las violencias de todo tipo, capaz de construir alianzas interseccionales y subjetividades nuevas. Nos mueve el deseo.

Ni una menos. Vivas nos queremos

ANEXO 2 – Música Caza Pañuelos

No sabes quién soy y no sabes lo que te pierdes
 Ya verás mañana, seguro que te arrepientes
 Que yo tengo a quien quiera, se mueren por verme
 Pero que quede entre nosotros, a nadie se lo cuentas
 ¿Qué parte del no, qué parte del no es la que nunca entienden?
 ¿La N o la O? ¿Qué parte del no es la que nunca entienden?
 Pero ellos van, van, van a, a la caza van
 Van, van detrás de ti, como un trofeo, sí
 Van, van, van a, a la caza van
 Van, van detrás de ti, de tu pañuelo
 "Mira como viste, seguro que lo busca"
 "Pero si no se resiste, seguro que le gusta"
 "Si ella no quería, ¿por qué no lo denuncia?"
 "Lo pediría a gritos, ¿de quién será la culpa?"
 ¿Qué parte del no, qué parte del no es la que nunca entienden?
 ¿La N o la O? ¿Qué parte del no es la que nunca entienden?
 Pero ellos van, van, van a, a la caza van
 Van, van detrás de ti, como un trofeo, sí
 Van, van, van a, a la caza van
 Van, van detrás de ti, de tu pañuelo sí
 Van, van, van a, a la caza van

Van, van detrás de ti, como un trofeo, sí
 Van, van, van a, a la caza van
 Van, van detrás de ti, de tu pañuelo sí
 Van, van, van a, a la caza van
 Van, van detrás de ti, como un trofeo, sí
 Van, van, van a, a la caza van
 Van, van detrás de ti, como un trofeo, sí
 Van, van, van a, a la caza van
 Van, van detrás de ti
 Pero ellos salen a la caza del placer
 No saben de qué trata tratar bien a la mujer
 Abuso de poder y del empoderamiento
 Desde el mismo momento en que vinimos a nacer
 Tanto por cambiar, aún queda tanto por hacer
 Por hacernos mirar, y aún queda más por aprender
 Que las primeras muestras deben nacer de nosotros
 Y ante todo respeto, tanto mutuo como propio
 ¿Qué parte del no, qué parte del no es la que nunca entienden?
 ¿La N o la O? ¿Qué parte del no es la que nunca entienden?
 "Que quede entre nosotros, a nadie se lo cuentas"

Videoclip: <https://www.youtube.com/watch?v=sYkkGzrlZik>

ANEXO 3 – Ayer me Mataron

"Ayer me mataron.

Me negué a que me tocaran y con un palo me reventaron el cráneo. Me metieron una cuchillada y dejaron que muera desangrada.

Cual desperdicio me metieron a una bolsa de polietileno negro, enrollada con cinta de embalar y fui arrojada a una playa, donde horas más tarde me encontraron.

Pero peor que la muerte, fue la humillación que vino después.

Desde el momento que tuvieron mi cuerpo inerte nadie se preguntó donde estaba el hijo de puta que acabo con mis sueños, mis esperanzas, mi vida.

No, más bien empezaron a hacerme preguntas inútiles. A mí, ¿Se imaginan? una muerta, que no puede hablar, que no puede defenderse.

¿Qué ropa tenías?

¿Por qué andabas sola?

¿Cómo una mujer va a viajar sin compañía?

Te metiste en un barrio peligroso. ¿Qué esperabas?

Cuestionaron a mis padres, por darme alas, por dejar que sea independiente, como cualquier ser humano. Les dijeron que seguro andabamos drogadas y lo buscamos, que algo hicimos, que ellos deberían habernos tenido vigiladas.

Y solo muerta entendí que no, que para el mundo yo no soy igual a un hombre. Que morir fue mi culpa, que siempre va a ser. Mientras que si el titular rezaba fueron muertos dos jóvenes viajeros la gente estaría comentando sus condolencias y con su falso e hipócrita discurso de doble moral pedirían pena mayor para los asesinos.

Pero al ser mujer, se minimiza. Se vuelve menos grave, porque claro, yo me lo busqué. Haciendo lo que yo quería encontré mi merecido por no ser sumisa, por no querer quedarme en mi casa, por invertir mi propio dinero en mis sueños. Por eso y mucho más, me condenaron.

Y me apené, porque yo ya no estoy acá. Pero vos sí estas. Y sos mujer. Y tenes que bancarte que te sigan restregando el mismo discurso de "hacerte respetar", de que es tu culpa que te griten que te quieran tocar/lamer/ chupar alguno de tus genitales en la calle por llevar un short con 40 grados de calor, de que vos sí viajas sola sos una "loca" y muy seguramente si te paso algo, si pisotearon tus derechos, vos te lo buscaste.

Te pido que por mí y por todas las mujeres a quienes nos callaron, nos silenciaron, nos cagaron la vida y los sueños, levantes la voz. Vamos a pelear, yo a tu lado, en espíritu, y te prometo que un día vamos a ser tantas, que no existirán la cantidad de bolsas suficientes para callarnos a todas."

ANEXO 4 – ENEM 2015

QUESTÃO 92 ◆◆◆◆◆**En el día del amor, ¡no a la violencia contra la mujer!**

Hoy es el día de la amistad y del amor. Pero, parece que este día es puro floro, porque en nuestro país aún existen muchos casos de maltrato entre las parejas, sobre todo hacia las mujeres. Por eso, el Ministerio de la Mujer y Poblaciones Vulnerables (MIMP) lanza la segunda etapa de la campaña "Si te quieren, que te quieran bien".

Esta campaña busca detener de una vez el maltrato contra la mujer y para eso, concientizar sobre la importancia de denunciar estos casos. Y es que las cifras son preocupantes. Cada hora se denuncian 17 casos de violencia contra la mujer y en total los Centros de Emergencia de la Mujer (CEM) y el MIMP atendieron en un año a más de 36 mil denuncias de las cuales 7 mil eran de niñas y adolescentes menores de 17 años. Un abuso.

Si eres testigo o víctima de algún tipo de violencia ya sea física, psicológica o sexual debes llamar gratuitamente a la línea 100 desde un teléfono fijo o celular.

Disponível em: <http://napa.com.pe>. Acesso em: 14 fev. 2012 (adaptado).

Pela expressão *puro floro*, infere-se que o autor considera a comemoração pelo dia do amor e da amizade, no Peru, como uma oportunidade para

- A** proteger as populações mais vulneráveis.
- B** evidenciar as eficazes ações do governo.
- C** camuflar a violência de gênero existente no país.
- D** atenuar os maus-tratos cometidos por alguns homens.
- E** enaltecer o sucesso das campanhas de conscientização feminina.